

“Mas, Exm.º Senhor, será possível viver sem ideias?”

Intervenção de abertura do Presidente do Instituto Europeu, na Conferência Sim ou Não ao Tratado Intergovernamental?

17 de Março de 2012

Num célebre discurso, pronunciado em Zurique, a 19 de Setembro de 1946, Winston Churchill afirmava: “é preciso construir uma espécie de Estados Unidos da Europa. Só dessa forma centenas de milhões de trabalhadores poderão recuperar as alegrias e esperanças simples que dão sentido à vida. O processo é simples. Basta a determinação de centenas de milhões de homens e de mulheres empenhadas em fazer o que está certo e não o que está errado, para ter por recompensa felicidade em vez de sofrimento”.

A data em que as declarações foram proferidas, imediatamente nos remete para o cenário de desolação e miséria posterior à segunda guerra mundial. A visão e a qualidade de um líder como Churchill, derrotado pouco antes em eleições livres, maravilha-nos e conduz-nos à interrogação: Será que é preciso um cenário de morte e de horror para encontrar líderes capazes de procurarem respostas visionárias? Será preciso chegarmos a essa situação para que centenas e centenas de milhões de homens e mulheres se unam em torno de uma tarefa comum?

Não é por acaso que um extracto deste texto de Churchill abre a magnífica colectânea que se fica a dever ao Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu e que se intitula **60 anos de Europa**. Nesse livro, que nos permite refazer o itinerário de uma história de sucesso, que conheceu momentos difíceis mas, no essencial, permitiu manter a Europa como um pequeno canto do paraíso, para usar a expressão de Alain Minc, muitos são os textos inspiradores para os europeístas.

Motivador, muito provavelmente em especial para os que nesta extremidade da Europa – vítimas da *realpolitik* – se viram ostracizados e

mantidos em regime ditatorial mas, ainda assim, conservaram a esperança de vir a pertencer ao conjunto de nações que, de algum modo, colocaram o seu destino em comum, para assegurar a prosperidade, a paz e o bem estar das populações, abandonando a triste sina do orgulhosamente sós.

Doi-nos, por isto, especialmente ver as promessas do pós-guerra, tão laboriosamente construídas e tão substancialmente reforçadas em 1989, com a queda do Muro de Berlim, serem destruídas sem encontrar um Churchill, um Schumann, um Adenauer, um De Gasperi e sem que as centenas de milhões de homens e mulheres dêem sinais de que querem tomar o destino nas suas mãos.

Talvez isso suceda porque se cumpriu a sombria profecia do grande europeísta Mendes France, ao justificar o voto contra o Mercado Comum “O abandono de uma democracia pode assumir duas formas: o recurso a uma ditadura interna, entregando todo o poder a um homem providencial, ou a delegação de tais poderes a uma autoridade externa, que, em nome da técnica, exerce realmente o poder político, já que, com o pretexto de uma economia saudável facilmente se chega a ditar uma política monetária, fiscal, social, finalmente, "uma política", no sentido mais amplo da palavra, nacional e internacional”.

Não deixa de ser irónico que um discurso fundador da Europa unida, como foi o de Churchill, seja proferido por um político inglês, dada as difíceis relações futuras entre a Inglaterra e as Comunidades e a União, ainda recentemente renovadas.

Permitam-me que me detenha, ainda, numa outra passagem do texto. “Vou dizer uma coisa que vos vai surpreender – proclama Churchill – O primeiro passo para a recriação da família europeia tem de passar por uma parceria entre a França e a Alemanha. Só desta maneira é que a França poderá retomar a sua costumada liderança da Europa. A Europa não pode renascer sem uma França espiritualmente grande e sem uma Alemanha especialmente grande”.

Mais de sessenta e cinco anos depois deste discurso, será que a intensa parceria entre a chanceler Merkel e o Presidente Sarkozy levanta este tipo de expectativas?

A Europa não se aprofundou como um espaço de debate e de discussão de ideias, mas antes se orientou num sentido tecnocratizante, em que as dimensões das maçãs ou as características dos tomates se tornaram muito mais importantes do que pensar o futuro da agricultura.

E, provavelmente por isso, as pessoas foram-se afastando e desinteressando da Europa e passos positivos no sentido do reforço dos mecanismos democráticos, como a eleição directa do Parlamento Europeu ou a cidadania europeia, não motivaram as populações.

E, no entanto, o debate de ideias fez a grandeza da Europa. Em tempos de auto-flagelação, talvez importe recordar, o quanto escreve o grande historiador Jacques Legof, a propósito da Velha Europa e da nossa, sustentando que ela” tem a favor a força da sua civilização e das suas heranças comuns(...) ao longo de vinte séculos, em estratos sempre renovados, a civilização europeia foi criadora, e ainda hoje, como dizia um slogan, a principal matéria-prima da Europa é, sem dúvida. A massa cinzenta”.

Mas, parece ser dessa matéria prima que a Europa se quer desfazer. Georges Steiner dizia numa imagem célebre que “A Europa é feita de cafetarias, de cafés. Estes vão da cafetaria preferida de Pessoa. Em Lisboa, aos cafés de Odessa frequentados pelos gangsters de Isac Babel. Vão dos cafés de Copenhaga, onde Kierkgaard passava nos seus passeios concentrados, aos balcões de Palermo”.

E era nesse ambiente de café que se fazia muitas das trocas de ideias e que nasciam tantas das obras primas de que nos orgulhamos. Todos se lembram de Bocage e do Nicola, mas na minha geração muitos de nós formámo-nos a estudar e conversar nos cafés. A prática, obviamente, não agradaria aos modernos conceitos de produtividade nem prevejo que a *troika* a imponha ao Estado português. Mas, quem frequentou o café Gelo do grupo dos surrealistas, O Monte Carlo de

Herberto Hélder, Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira e tantos outros não se esquece, tal como não se esquece do Chave d'Ouro, onde Humberto Delgado lançou o célebre “**Obviamente demito-o**”.

Eram tempos de dificuldade, mas em que se pensava e agia e é estranho verificar que, quando as condições de vida se tornaram mais fáceis, os cafés foram fechando portas e só renascendo agora com cybercafés onde, em vez de amigos reais, se cruzam amigos virtuais da Internet.

Foi o debate de ideias, proibido pela ditadura – por todas as ditaduras – que gerou solidariedades e permitiu avançar a civilização e a União Europeia. Por isso nos empenhamos tanto em promove-lo e em que se debatam todas as soluções, recusando o argumento da falta de alternativas. Este discurso só pode servir para confirmar as suspeitas de quantos falam do império ou até daqueles que começam a agitar a ideia da sovietação da União Europeia.

“Mas, Exmº Senhor, será possível viver sem ideias?” Foi o repto célebre de Antero de Quental ao Primeiro Ministro que proibira as conferencias do Casino. E esse repto deve sempre ser lançado a quem pretender abafar o debate

Gostamos demasiado da Europa. Prezamos demais a ideia de união europeia para assistirmos a este espectáculo em silêncio. Acreditamos que a solução para as nossas dificuldades passa pela solidariedade com a Europa, mas permita-se-me, de novo, que cite Mendés France, na mesma ocasião e seguramente num discurso para ele doloroso: “Se a França está pronta para fazer sua recuperação no quadro de uma cooperação fraterna com outros países europeus, não admitirá que as formas e meios de a recuperar sejam impostas de fora, mesmo que sob o pretexto de mecanismos automáticos”.

Seguramente, terão reparado a frequência com que referenciei e citei intelectuais e políticos. A participação e o debate passam também por aqui, pela nossa capacidade de convocar o melhor da inteligência e da política europeia.

A essas ideias que se cruzam e entrelaçam, vamos juntar a reflexão do qualificado grupo de personalidades que aceitaram aqui estar connosco. Muito agradecemos, a todos eles, terem-nos honrado uma vez mais com a sua presença, que apenas a forte noção de cidadania e dever cívico justificam.

Um agradecimento especial vai para os Senhores Embaixadores, para o Governo Português, para o Parlamento Europeu e para a Comissão Europeia por terem aceite juntar-se a este desafio para debater as alternativas, numa iniciativa que esperamos que possa ser replicada e amplificada.

A presença dos Senhores Embaixadores dá uma dimensão verdadeiramente europeia a este debate. Estamos numa casa comum. Temos uma mesma herança civilizacional e, seguramente, as mesmas aspirações europeístas.

Foi também o sentido cívico que nos levou a elaborar um Manifesto, onde os seus autores defendem aquilo que consideram ser o caminho possível de saída do desfiladeiro profundo, onde quase nos encurralaram ou nos encurralámos.

Quando sairmos daqui, no final do dia, estaremos seguramente mais ricos. Talvez menos conformados nas nossas certezas, talvez mais agitados e divididos. Mas, estou seguro, que mais certos de que há saídas do desfiladeiro.

Saibamos convocar a energia de lutas passadas: o sangue, suor e lágrimas a que apelou Churchill, mas não ao serviço de um puro projecto de austeridade e equilíbrio orçamental, mas antes de uma vida digna de ser vivida, numa União que a defende para todos os seus habitantes e, por essa via, dá uma contribuição para um Mundo Melhor.